

Durante sete anos, ele teve toda a Europa aos seus pés — e alguns de seus «milagres» continuavam inexplicados até hoje

CAGLIOSTRO



O Príncipe dos Charlatães

GORDON GASKILL

PARA seus milhões de admiradores, não havia nada que o grande mestre não pudesse fazer; transformar chumbo em ouro, duplicar o tamanho de um diamante, ou fazer virar seda uma roupa de algodão grosseiro. Eles juravam que seus elixires miraculosos curavam milhares de pessoas que os médicos tinham de-

sengañado, e acreditavam em que ele conhecia o passado, e poderia pre-dizer o futuro.

Não eram só as pessoas ignorantes que acreditavam nessa figura enigmática, que se intitulava Conde de Cagliostro, e que deslumbrou a Europa durante sete anos. Fascinava também as grandes figuras de seu tempo,

FOTO: ROGER VIOLLET, PARIS

como reis, príncipes, cardeais, bispos, além de muitos sábios e filósofos.

Quem foi esse homem fantástico? Ele admitia, naturalmente, que Cagliostro não era o seu verdadeiro nome, e dava de ombros: «Já tive muitos nomes. O que é um nome?» Algumas vezes, gabava-se de ter nascido antes do Dilúvio, de que havia conhecido bem Moisés e Salomão, de que estudara com Sócrates e conversara longamente com imperadores romanos. Lembrava-se de um vinho que bebera numa festa de casamento, na cidade da Galiléia chamada Cana. Quando todos estavam datando as cartas de 1785, ele datava as suas de 5555.

É difícil dizer o que é mais incrível: que tantas pessoas acreditassem em tanta parlapatice, ou que esse charlatão pudesse realmente construir alguma coisa a partir do nada. Seu nome verdadeiro era Giuseppe Balsamo, e nascera em 1743, em Palermo, na Sicília, de uma família muito pobre. Odiava ter sido educado por monges, exceto quando praticava em seu primitivo laboratório de química, onde aprendeu alguns truques que lhe foram de grande valia mais tarde. Roubou a caixa-de-coleta da igreja e as economias de seu tio, fugiu da cidade, e vagou, por alguns anos, na área do Mediterrâneo, inclusive pelo Egito, onde aprendeu algumas frases em árabe, que o ajudariam depois a mistificar os incautos.

A caminho da fama. Foi parar em Roma, em 1768, vivendo da sua esparteza. Preparava e mascateava cremes de beleza e pretensos afrodisíacos, copiava e vendia obras de

arte (inclusive Rembrandts), forjava documentos, notas-de-banco e até testamentos, que os tribunais, muitas vezes, consideravam autênticos. Casou-se com uma bela moça de 15 anos, que vivia nos «cortiços», Lorenza Feliciani, a qual ele usava como isca para atrair idiotas ricos — e se fingia de morto quando eles partilhavam o seu leito. Depois de muitos problemas com a lei, o incrível casal teve que deixar Roma, passando a vagar pela Europa e pelo Norte da África, por dez anos, usando os mesmos truques.

Tudo mudou em Londres, em 1777. Tendo acumulado a considerável quantia de três mil libras, os dois começaram uma vida de luxo, com novos nomes. No lugar de Giuseppe e Lorenza Balsamo, surgiu o melífluo Conde Alessandro de Cagliostro e sua bela Condessa Serafina, a qual, explicava, ele havia roubado de um harém oriental.

Ao mesmo tempo, passou a pertencer à Loja Maçônica de Londres, e logo persuadiu seus irmãos a elegê-lo Grão-Mestre, o único título autêntico que ele jamais teve. A maçonaria estava se alastrando pelo continente europeu, tendo, quase sempre, os homens mais ricos e nobres como seus membros. Assim, quando Cagliostro voltou a viajar pela Europa (desta vez como o Grão-Mestre da respeitável Loja de Londres) deparou com muitas facilidades.

Viajava em carruagens elegantes, servido por um séquito de criados, ricamente uniformizados, enquanto ele e a condessa resplandeciam nas

mais ricas roupas e jóias. De onde vinha todo esse dinheiro? Para seus admiradores, a resposta era simples: ele podia pegar qualquer metal, e transformá-lo em tanto ouro de quanto precisasse, ou em diamantes, também.

Rainha de Sabá. Um bom guardalivros teria achado outras respostas. Um dos ricos mananciais era o «rito egípcio», uma espécie de maçonaria que ele próprio inventara, declarando-se o seu líder, com o título de Grande Copta, e o direito de recolher todas as taxas de iniciação e tributos. A maçonaria tradicional era só para homens, mas, numa tacada de mestre, criou a ala feminina de sua loja, indicando sua mulher para liderá-la, como «A Rainha de Sabá». As mulheres mais ricas e nobres de Paris faziam tudo para pertencer à organização.

O preço para participar do rito especial subia, à medida em que crescia a reputação do Grande Copta. Pagavam-se 300 peças de ouro para entrar e, admitindo-se que, no apogeu de seu fundador, havia milhares de membros por toda a Europa, isso significava uma boa quantidade de peças de ouro. O que os atraía era a promessa de Cagliostro de que iria dividir, com os seus irmãos-contribuintes, todos os seus segredos.

Apesar das promessas, a maioria dos segredos envolvia misteriosos elixires, os quais, por estranha coincidência, só o próprio Grande Copta tinha permissão de fabricar e vender — a preços extorsivos. O que eles realmente continham só Cagliostro sabia.

No entanto, as poucas fórmulas que chegaram até nós mostram que ele fez largo uso das mesmas ervas medicinais empregadas por todos os médicos da época, embora ele as alterasse ligeiramente. Por exemplo, para os ricos, embrulhava pílulas em folhas de ouro puro, aumentando com isso o efeito psicológico — e também o preço. É verdade que poucas pessoas tiveram um jeito tão convincente para tratar de doentes. Seus olhos eram irresistíveis, e até um inimigo admitiu: «Tentei encará-lo, mas não consegui. Tive que desviar a vista daqueles olhos.»

A mulher de Cagliostro ajudava-o lealmente, em especial com as mulheres. Embora tivesse apenas 30 anos, na época, dizia para as princesas e duquesas, as quais acreditavam em tudo o que ela dizia, que sua idade era 60 anos, ou mais — e que só as cinco gotas mágicas do elixir de seu marido faziam com que ela se conservasse tão jovem. E as mulheres compravam o preparado a qualquer preço.

O sucesso de Cagliostro na Europa era inacreditável. No ducado independente de Kurland, no Báltico, um partido forte, constituído de nobres, chegou a propor colocar Cagliostro no trono. (Ele, prudentemente, declinou a honraria.) Teve menos sucesso com a Czarina de Todas as Rússias, Catarina II, que se limitou a divertir-se com ele. Mas Cagliostro foi levado a sério por muitos nobres da Corte de Catarina. Um ministro implorou ao mestre para ajudar um irmão louco, que devia ser mantido

amarrado. Quando Cagliostro ordenou que desamarrassem o homem, o louco avançou para ele, em fúria, tentando matá-lo. O mestre, calmamente, deu-lhe um soco que o atirou dentro de um rio gelado, de onde teve de ser pescado. Espantosamente, o homem se acalmou, pediu desculpas a todos e, segundo se conta, ficou curado para o resto da vida.

O mestre se mudou para Estrasburgo, onde sua chegada, em 1780, suscitou um feriado público, e onde, por cerca de um ano, fez algumas de suas mais famosas curas. Ali aconteceu também o seu encontro com o Príncipe-cardeal Louis de Rohan, arcebispo da cidade. Rohan, um dos nobres mais ricos da França, era famoso por ser o membro mais arrogante da nobreza mais orgulhosa do mundo. Sabendo da chegada de Cagliostro, o príncipe-cardeal mandou chamá-lo, por um criado. Com um perspicaz conhecimento da natureza humana, Cagliostro replicou: «Se o príncipe está doente, ele que venha a mim, e eu o curarei. Se não estiver doente, não terá necessidade de mim, e nem eu dele.»

O grande «médico». Ninguém jamais falara com Rohan daquela maneira. Primeiro, ficou mudo, diante da ousadia da resposta, mas, depois de alguma reflexão, o príncipe considerou-a «sublime». Para espanto de toda a Europa, ele se humilhou e, inventando uma pequena doença, para salvar as aparências, implorou ao mestre que o ajudasse. O príncipe-cardeal simpatizou com Cagliostro. Um dia, Rohan pediu-lhe que salvasse

a vida de seu primo, o Príncipe de Soubise, que estava morrendo de escarlatina (praticamente inofensiva, como doença de crianças, mas quase fatal quando ataca os adultos), e o príncipe já tinha uns 60 anos. Os maiores médicos de Paris admitiam que não havia salvação para um caso de tamanha gravidade.

Cagliostro entrou no quarto, e examinou, em silêncio, o abatido príncipe. Então, tirou do bolso um frasco de remédio, e deu instruções muito precisas: «Dez gotas hoje, cinco amanhã, e mais duas gotas no dia seguinte. Ao quarto dia», disse ele ao velho príncipe, «poderá sair da cama, um pouquinho. No quinto dia, dará um pequeno passeio de carruagem. No 20.^o dia, Vossa Alteza estará completamente curado e de volta aos seus deveres na corte.»

Para alegria de todos, essa audaciosa predição se cumpriu ao pé da letra. Daí para frente, desde o príncipe ao mais humilde cidadão, todos passaram a usar a efígie do conde em caixas-de-rapé ou de pó de arroz, fivelas dos sapatos, vestuário, anéis, etc.

Mas, no auge da fama e fortuna de Cagliostro, um desastre aconteceu — devido à mesma amizade com Rohan, que o ajudou a subir tão alto. O príncipe-cardeal viu-se envolvido na tenebrosa intriga conhecida como o Caso do Colar de Diamantes. Rohan, que tinha caído bastante no conceito da rainha Maria Antonieta, acreditava que poderia recuperar a sua simpatia, conseguindo um colar de diamantes que ela desejava. Entretanto, o colar desapareceu. O escân-

dalo abalou o trono, e se refletiu sobre a honra da rainha. Furioso, o rei ordenou que enclausurassem Rohan na Bastilha, juntamente com seus protegidos, os Cagliostros, julgando que eles também estavam envolvidos no caso.

Para surpresa de todos, Cagliostro, dessa vez, estava inocente. Um julgamento público inocentou-o completamente, e ele foi carregado em triunfo por seus admiradores. Mas, na manhã seguinte, chegaram ordens irrevogáveis do rei enfurecido — os Cagliostros teriam que deixar a França, para nunca mais voltar. Pior ainda, assim que o casal começou a vagar pela Europa, Cagliostro descobriu que sua mulher havia revelado grande parte do seu verdadeiro passado aos interrogadores. Então, detalhes do seu dossiê maldito começaram a transpirar. Com isso, o «encanto» se desfez, a vida se tornou complicada e sórdida, e o dinheiro escasseou, o que era um embaraço para um homem que dizia poder produzir todo o ouro de que necessitasse.

Fim da glória. Então, a Condessa Serafina deu o golpe, último e fatal. Ela nunca amara seu marido, mas ficara com ele enquanto a vida era esplendorosa, rica e excitante. Agora, estava cansada dele, farta de humilhações e, sobretudo, com saudades de sua pátria. Atormentava-o constantemente para voltar a Roma com ela.

Finalmente, ele concordou — a decisão mais imprudente de sua vida. Como se sabe, ele se tornara maçom, e todo católico romano que aderisse à maçonaria estava sujeito, não só

à excomunhão, como herético, mas também a ser condenado à morte. Nos países pelos quais Cagliostro havia passado, essa lei severa tinha sido ignorada, e a Inquisição já havia perdido sua força, mas não nos domínios da Igreja, e muito menos em Roma, para onde eles se tinham aventurado a ir. Ainda assim, Cagliostro tentou recuperar sua sorte, criando uma nova Loja Maçônica do «rito egípcio», numa reunião pública largamente anunciada.

Logo no início, a guarda do Papa mandou encerrar a «loja». Mais uma vez, sua mulher o abandonara, denunciando-o como herege, e confessando ainda mais coisas do que as que contara à polícia francesa. Ela esperava se salvar, mas em vão: foi confinada num convento até morrer. A terrível máquina da Inquisição funcionou por mais de 15 meses. A 7 de abril de 1791, a sentença de Cagliostro foi lida: condenado à morte como herege, mas, graças à misericórdia do Papa, teve a pena comutada para prisão perpétua.

Talvez nunca tenha havido um prisioneiro papal tão bem guardado. Seus carcereiros acreditavam em que ele poderia escapar, graças a um passe de mágica — tornando-se invisível, ou transformando-se em pássaro. Finalmente, na mais horrenda masmorra da fortaleza-prisão mais inexpugnável da Itália, a de São Leão, Cagliostro morreu, a 26 de agosto de 1794, com apenas 52 anos.

Ironicamente, o príncipe dos charlatões, que se dizia imortal, conseguiu de fato uma espécie de imortalidade,

e o debate a respeito de seus verdadeiros poderes ainda permanece. Muitos de seus milagres, hoje, são facilmente superados por um mágico de 3.^a classe. Ainda assim, quando o governo francês nomeou uma comissão de eminentes médicos e cientistas, para analisar as pretensas curas de Cagliostro e de outros curandeiros, descobriram que muitas de suas curas eram autênticas, admitindo, no entanto, que não poderiam achar ne-

nhuma explicação, que fosse rigorosamente científica, para as mesmas.

É certo que, como o vigarista Giuseppe Balsamo, ele enganou muita gente, mas, como o Conde de Cagliostro, ele pode ser qualificado como um pioneiro inconsciente dos poderes curativos da fé e da confiança.

E, se alguém conseguir encontrar a sua sepultura, pode inscrever nela o seguinte: «Homem de confiança, *par excellence*.»



MINHA AVÓ tinha um processo único para contratar empregadas domésticas. No dia marcado para as entrevistas, ela colocava no chão uma vassoura, perto da porta da frente, e se sentava na sala para esperar. Quando a campainha soava, ela mandava a candidata entrar. Quem saltasse cuidadosamente sobre a vassoura era despachada logo. E a que apanhasse a vassoura do chão, ouvia a voz de minha avó: «Está contratada!»

— C. K.

APESAR do frio incrível, a ceia da festa dos 21 anos de minha sobrinha foi servida no jardim. «Não está com frio?», ouvi um solícito convidado perguntar a uma garota de *hot pants*. «Claro que estou», foi a resposta, «mas não conte para mamãe!»

— K. G. E.

OS MINICARROS ainda eram novidade quando meu amigo fez uma longa viagem num deles pelo interior do país. Preocupado com um ruído estranho no motor, resolveu parar num posto de gasolina. O mecânico levantou o capô, olhou incrédulo para a máquina e disse: «Não tenho coragem nem de encostar a mão nele, amigo. Por que não o leva a um joalheiro?»

— R. W. C.

MINHA MULHER disse à nossa sobrinha, de sete anos, que estava esperando um bebê que, depois, seria seu primo. Na escola, dias mais tarde, quando um amigo estava se jactando de um priminho que jogava hóquei, nossa sobrinha comentou: «Isso não é nada. Tenho um primo que é ovo!»

— J. T.